

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

ALINE COMIN

**Sala de aula:
Repensando a relação entre o espaço, a aprendizagem e as mídias**

**Porto Alegre
2015**

ALINE COMIN

**SALA DE AULA:
REPENSANDO A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO, A APRENDIZAGEM E AS
MÍDIAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED / UFRGS.

Orientadora:
Prof^a Dr^a Paloma Dias Silveira

**Porto Alegre
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Professor Carlos Alexandre Netto

Vice – Reitor: Professor Rui Vicente Oppermann

Pró – Reitor de Pós – Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Prof. Liane Margarida Rockenbach Tarouco.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelos dons que me concedeu.

Agradeço aos meus pais e meu noivo, pelo infinito amor.

Agradeço à minha colega de curso Virgínia, pelo apoio de sempre.

Agradeço à minha orientadora, pela imensa ajuda.

Agradeço aos tutores Fernando, Carina e Roceli pelo incentivo.

Agradeço à minha nova colega de curso, Carina, pela amizade.

Agradeço aos meus alunos e colegas que contribuíram para esta pesquisa.

RESUMO

Repensar o espaço físico da sala de aula significa procurar compreender a relação deste espaço com aprendizagem. O intuito desta monografia é provocar uma reflexão nos alunos e nos professores acerca dos aspectos visuais da sala de aula e discutir sobre quais mídias são importantes para este espaço. Dessa forma, o objetivo geral é discutir sobre estes aspectos, bem como sobre a organização dos lugares dos professores e dos alunos, além dos materiais necessários a uma sala de aula produtiva no que se refere à aprendizagem, dando relevância sobre a utilização das mídias.

A forma como a pesquisa foi conduzida baseia-se no método de pesquisa qualitativa, com estudo de caso; sendo assim, professores e alunos foram ouvidos a respeito de suas percepções e demandas sobre o espaço da sala de aula, sua organização e implicação na relação professor-aluno. É dada especial atenção sobre como veem e interpretam a presença das mídias no espaço da sala de aula. As atividades foram desenvolvidas em uma escola pública do município de Serafina Corrêa.

Os principais autores que fundamentaram este trabalho são: Paulo Freire (1996), Andrade (2011), Júnior e Gartner (2012), Prensky (2010) e Moran (2014).

As principais conclusões foram as de que as mídias são indispensáveis para um ambiente de sala de aula produtiva; que o espaço exerce influência sobre a aprendizagem e que a reflexão precisa se tornar uma prática cada vez mais comum em nossas escolas.

Palavras-chave: Espaço. Sala de aula. Mídias.

Classroom: Rethinking the physical space of the classroom related to the learning process and medias

ABSTRACT

Rethinking the physical space of the classroom means seeking to understand the relationship of this space with learning. The purpose of this paper is to provoke reflection on the students and teachers about the visual aspects of the classroom and discuss which media are important for this space. Thus, the overall objective is to discuss these issues as well as on the organization of places of teachers and students, in addition to materials for a productive classroom when it comes to learning, giving importance on the use of media.

The way the research was conducted based on the qualitative research method, case study; therefore, teachers and students were heard about their perceptions and demands on the space of the classroom, their organization and involvement in student-teacher ratio. Special attention is given on how to see and interpret the presence of media in the classroom space. The curriculum was developed in a public school in the city of Serafina Corrêa.

The main authors that supported this work are: Paulo Freire (in 1996), Andrade (2011), Junior and Gartner (2012), Prensky (2010) and Moran (2014).

The main conclusions were that the media are essential to a productive classroom environment; the space has influence on learning and reflection have become an increasingly common practice in our schools.

Keywords: Space. Classroom. Media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sala de aula com destaque para a utilização de mídias	21
Figura 2: Sala de aula com destaque para a organização do espaço e dos alunos e para as mídias presentes	22
Figura 3: Sala de aula com destaque para a grande quantidade de alunos	23
Figura 4: Sala de aula com destaque para a utilização das mídias.....	25
Figura 5: Sala de aula com organização similar às salas de aula do Colégio Carneiro de Campos	27
Figura 6: Sala de aula com poucos recursos físicos	28
Figura 7: Sala de aula com destaque para a utilização das mídias e para a decoração do espaço	29
Figura 8: Sala de aula com destaque para a utilização das mídias.....	32
Figura 9: Sala de aula com destaque para utilização das mídias e para a organização dos alunos	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	16
2.1	Abordagem do Estudo	16
2.2	Caracterização do Contexto a Estudar	16
2.3	Participantes do Estudo	16
2.4	Instrumentos e Plano de Coleta de Informações	17
3	O QUE PENSA A COMUNIDADE ESCOLAR EM RELAÇÃO À SALA DE AULA E AS MÍDIAS?	18
3.1	Visão dos alunos.....	19
3.2	Visão dos professores.....	34
3.3	Comparação entre as visões dos alunos e dos professores.....	41
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	47
	Apêndice A – Termo de consentimento para professores.....	50
	Apêndice B – Termo de consentimento para alunos.....	51

1 INTRODUÇÃO

Sete horas e trinta minutos: o sinal que indica o início da aula se faz ouvir pelos três pavilhões que compõem a escola e pelos arredores no bairro também. Os alunos despedem-se dos seus colegas, dando um último abraço, fazendo uma última fofoca, uma última brincadeira. Enquanto isso, na sala dos professores, o corpo docente se prepara para mais uma manhã de trabalho.

Enquanto se encaminha para a sala da turma onde vai ministrar seu primeiro período de aula, o professor vai “recolhendo” no corredor os alunos que ainda não entraram na sala de aula. Após a porta ser fechada, tem início a acomodação dos alunos, cada um no seu devido lugar, na sua devida fila, na sua devida classe.

Durante duzentos dias, todos os anos, esta cena se repete. Período após período, os professores migram para suas respectivas turmas, enquanto recolhem, pelo corredor, os alunos que saíram para “dar uma volta”.

Até este ponto tudo está bem. A rotina é importante. O horário, o compromisso em estar em determinado local, sem atraso. O que incomoda é perceber que os alunos estão sempre no mesmo lugar, esperando qual será o próximo evento a acontecer, ou seja, qual será a próxima aula a que vão assistir. O fato de o aluno esperar sentado, somado com o fato de que todas as disciplinas são trabalhadas no mesmo lugar, dentro das mesmas paredes cinza claro, onde só o que muda é a ênfase que o professor dá à sua matéria, seja no quadro verde, seja no projetor de imagens, me sugere uma passividade muito grande por parte dos discentes. Como se eles pudessem simplesmente apertar um botão e mudar a configuração do cérebro para compreender os conceitos da próxima disciplina, pois não há nada no ambiente que permita a eles perceberem que a aula mudou. Se no primeiro período eles estavam vivenciando um clima de subjetividade na aula de filosofia, no segundo eles precisam ser completamente objetivos, para uma aula de matemática, por exemplo.

Sabe-se que quando eles saírem da escola, quando eles não estiverem mais sob os cuidados e orientações da mesma, eles não poderão mais ficar sentados, esperando o próximo acontecimento do dia. Será preciso que eles mesmos se desloquem rumo aos seus objetivos. Será preciso que eles sejam protagonistas das suas atividades e nas suas conquistas. Além disso, considerando o atual cenário político e econômico mundial, em que a corrupção, o desperdício dos recursos

naturais e o desrespeito entre as pessoas estão tão presentes e apresentam-se tão nocivos ao ser humano, é fundamental preparar os jovens para serem modificadores do seu espaço. Para interferirem, darem voz às suas opiniões e não apenas esperar o que poderá acontecer entre as paredes cinza claro da sociedade. Como nos lembra Paulo Freire (1996, p. 88),

Ninguém vive plenamente a democracia nem tampouco a ajuda a crescer, primeiro se é interdito no seu direito de falar, de ter voz, de fazer o seu discurso crítico; segundo, se não se engaja, de uma ou de outra forma, na briga em defesa deste direito, que no fundo, é o direito também a atuar.

A escola pesquisada conta com seiscentos alunos, hoje. Todos os dias, o esforço da monitora e da direção em manter os alunos dentro da sala de aula até o próximo professor chegar é grande. Não entendem como eles não conseguem ficar sentados, por que precisam ir para fora. No início do ano, uma estudante do sexto ano do ensino fundamental disse que a parte da aula que ela mais gosta é a troca de período. Isso porque ela pode sair, vivenciar um momento diferente, em que algo novo possa acontecer. Talvez nas quatro horas e quinze minutos que ela fica sentada em sua classe, poucas novidades ocorram.

Outra questão que considera-se muito relevante é a dificuldade que os professores sentem em trazer materiais diferenciados, inclusive mídias, para suas aulas. Em diversas manhãs, presenciou-se o professor de geografia desesperado porque o mapa que ele utilizaria naquela manhã sumiu. A autora deste trabalho, como professora de matemática, ao trabalhar a geometria, precisa da ajuda de alguém para carregar sólidos geométricos e régua. Além disso, quando um professor decide ilustrar sua aula ou utilizar algum recurso que dependa do projetor de imagens, acaba desistindo devido à dificuldade em carregar o computador, o projetor, a caixa de som e chegar na sala para descobrir que o cabo HDMI está quebrado, ou simplesmente foi perdido nesta peregrinação de todos os dias.

Além disso, em muitos momentos o professor precisa de um recurso que não havia preparado previamente, já que a aula é uma construção de todos os dias, nunca é a mesma e nunca é linear, pois os assuntos, as dúvidas vão surgindo a partir da relação professor-aluno e nenhum aluno é igual ao outro. Imagine se o professor de história precisasse andar dois pavilhões para buscar um mapa apenas para mostrar a localização do Rio Tigre? Provavelmente não iria, e talvez esse simples conceito facilitasse muito a compreensão do aluno em outros conceitos.

A depredação dos equipamentos, sejam os aparelhos tecnológicos, sejam as classes ou as cadeiras, também é um problema bastante sério em nossa escola. Vidros quebrados e pratos encontrados nos terrenos ao redor da escola são comuns. Várias vezes já cogitou-se a possibilidade de instalar um projetor de imagens em cada sala de aula, porém o argumento de que talvez o aparelho fosse destruído falou mais alto. Pensa-se que estas atitudes demonstrem não apenas falta de respeito pela escola, mas também falta de amor, de zelo, pelo local onde estudam.

Talvez, se os alunos gostassem do espaço, se o considerassem agradável, bonito, não o depredassem. Talvez se eles mesmos tivessem ajudado na construção, na organização e na decoração do mesmo, sentiriam mais vontade e responsabilidade em cuidá-lo e mantê-lo assim, valorizando seu esforço e seu trabalho. Muitas vezes, quando um professor vê um aluno riscando sua classe, ele pergunta: Na sua casa você faz isso? Porém em sua casa, o aluno certamente ajudou na construção do espaço, mesmo que tenha sido apenas dando sua opinião. Além disso, uma casa, por mais simples que seja, é aconchegante e os recursos estão sempre à mão.

Ainda, se aquele professor de geografia tivesse por perto um recurso como o Google Earth, seu trabalho, sem dúvida, seria facilitado. Se o professor de matemática tivesse por perto um compasso apenas para mostrar porque não é correto dizer que dois ângulos são iguais, mas sim, congruentes, provavelmente este conceito seria melhor entendido por parte do aluno. Se o professor de história tivesse um telefone do passado para comparar com um telefone do presente, e depois pudesse mostrar uma reportagem na internet sobre os meios de comunicação, ele poderia pensar em um bom trabalho para desenvolver, porém só o que ele pensa é: como vou carregar tudo isso, instalar todo este equipamento na sala? Ou seja, quando os professores tem acesso facilitado a materiais, recursos e mídias, certamente eles os utilizam mais, e podem aproveitar o tempo da aula para a aula e não para preparar o ambiente para a aula.

Diante destas situações, a pesquisadora se fez a seguinte pergunta: Será que este espaço, existente há tanto tempo, que fez parte de tantas gerações, provoca alguma insatisfação nos membros da comunidade escolar? O que pensam os alunos, os pais, os meus colegas professores da configuração do espaço da sala de aula? E a equipe gestora, direção, secretários de educação, estariam dispostos a

iniciar uma modificação nas suas escolas, incluindo de forma mais efetiva as mídias nestes espaços? Enfim, quais são, se existirem, as inconformidades das pessoas envolvidas no ambiente escolar? Estas são indagações que a presente pesquisa objetiva responder.

Inicialmente, a intenção era pensar em uma proposta de transformação do espaço da sala de aula e apresentá-la para os corpos docente e discente e para a equipe diretiva. Porém, para que uma proposta seja bem sucedida é indispensável que a mesma seja aberta ao diálogo, que dê lugar à voz das pessoas envolvidas. Propostas autoritárias, que vem de esferas superiores, tendem a provocar nos envolvidos um sentimento de imposição, de precisar colocar a ideia em prática não para a melhoria de uma situação, mas sim porque foram obrigados, porque não tem outra saída. Diferentemente de uma proposta dialógica, onde as partes se sentem em primeiro lugar mais responsáveis pelo sucesso do projeto, sendo que ajudaram a pensá-lo; e, além disso, acabam se sentindo mais valorizadas por terem sido ouvidas, por suas opiniões terem sido consideradas, e conseqüentemente, percebem-se mais motivadas para a execução do projeto. Sem contar que é impossível saber o que é melhor para um grupo sem ouvir os componentes deste grupo, sem saber quais aspectos eles consideram necessários de serem repensados e quais eles notam que já estão bons. Além disso, é preciso saber se a mudança realmente é necessária. “A sala de aula é pulsante, viva e dinâmica. As vozes de cada aluno(a) e do professor(a) podem ser ouvidas, ampliadas e aprimoradas, através da interação entre eles e deles com o conhecimento” (BRASIL, 2006)

Dessa forma, muito mais do que propor um cenário ideal, uma configuração pronta para uma sala de aula, este trabalho quer mostrar o diálogo entre os envolvidos no ambiente de ensino. Objetiva mostrar as necessidades da comunidade escolar, quais os aspectos que sugerem melhorias e quais os aspectos que devem ser mantidos. Por este motivo, a ansiedade ao iniciar este trabalho foi grande, já que o rumo da pesquisa não é previsível. Enfim, o foco da pesquisa será provocar o repensar, a reflexão acerca da organização do espaço da sala de aula e sua relação com as mídias.

A motivação para o estudo sobre este assunto, assim como a justificativa para a escolha do tema, se devem justamente às indagações da pesquisadora citadas no início deste capítulo e também à curiosidade em descobrir se o espaço físico

influencia ou não na aprendizagem e qual é a opinião da comunidade escolar sobre a utilização das mídias.

Os principais autores que fundamentaram este trabalho são: Paulo Freire (1996), Andrade (2011), Júnior e Gartner (2012), Prensky (2010) e Moran (2014).

Os capítulos estão organizados da seguinte forma: o capítulo 1 contém a introdução e traz as indagações da pesquisadora acerca do espaço da sala de aula. O capítulo 2 traz a metodologia e explica como as atividades de coleta de informações foram realizadas. O capítulo 3 traz o desenvolvimento da atividade e os resultados obtidos, sendo o item 2.1 referente à atividade desenvolvida com os alunos; o item 2.2 referente à atividade desenvolvida com os professores; e o 2.3 referente à comparação entre os resultados obtidos com os alunos e com os professores.

2 METODOLOGIA

2.1 Abordagem do Estudo

A abordagem de estudo será baseada em uma pesquisa qualitativa, na forma de um estudo de caso. Segundo Bogdan e Biklen (1994), o plano geral de um estudo de caso pode ser representado como um funil. O tipo adequado de perguntas nunca é muito específico.

O início do estudo é representado pela extremidade mais larga do funil: os investigadores procuram locais ou pessoas que possam ser objeto do estudo ou fonte de dados e, ao encontrarem aquilo que pensam interessar-lhes, organizam então uma malha larga, tentando avaliar o interesse do terreno ou das fontes de dados para os seus objetivos (Bogdan e Biklen, 1994, p. 89).

Inicia-se, nesta perspectiva, pela escolha dos participantes da pesquisa e quais aspectos aprofundar. Posteriormente realiza-se a recolha dos dados a analisar. Ainda conforme os autores:

O investigador escolherá uma organização, como a escola, e irá concentrar-se num aspecto particular desta. A escolha de um determinado foco, seja ele um local na escola, um grupo em particular, ou qualquer outro aspecto, é sempre um ato artificial, uma vez que implica a fragmentação do todo onde ele está integrado. O investigador qualitativo tenta ter em consideração a relação desta parte com o todo, mas, pela necessidade de controlar a investigação, delimita a matéria de estudo (Bogdan e Biklen, 1994, p. 91).

2.2 Caracterização do Contexto a Estudar

As atividades de pesquisa foram desenvolvidas em uma escola estadual pública do município de Serafina Corrêa, Rio Grande do Sul, que conta com pouco mais de seiscentos alunos e funciona nos turnos diurno e noturno. A escola oferece o Ensino Fundamental e o Ensino Médio Politécnico.

2.3 Participantes do Estudo

Os participantes do estudo foram alunos e professores da referida escola. Em um primeiro momento as atividades de pesquisa foram realizadas com um grupo de alunos do segundo ano do Ensino Médio Politécnico, com faixa etária de 16 anos. O segundo momento foi realizado com quatro professores, de diferentes disciplinas,

que estavam reunidos na escola por conta de uma reunião pedagógica. As disciplinas trabalhadas por estes professores são: Matemática, Física, Química, Língua Portuguesa, História e Seminário Integrado.

2.4 Instrumentos e Plano de Coleta de Informações

Os dados foram coletados da seguinte forma: foram apresentadas, com auxílio de um projetor multimídia, imagens de diferentes modelos de sala de aula, primeiramente, a um grupo de alunos, e, num segundo momento, a um grupo de professores. A escolha das imagens levou em conta os seguintes critérios: algumas imagens com mídias presentes e outras não; algumas imagens de salas bem organizadas e outras não. Algumas mais simples, ou seja, somente com cadeira, mesa e quadro e outras com aparelhos tecnológicos, televisão, almofadas. Buscou-se, com isso, uma variedade de modelos de sala de aula.

Os participantes dos dois grupos observaram as imagens, apresentadas pela pesquisadora, e manifestaram suas opiniões sobre as mesmas: primeiramente, se gostavam ou não; realizavam comentários sobre o que era positivo ou negativo em cada modelo de sala de aula; também eram convidados a imaginar-se dentro de cada uma das salas de aula apresentadas. As falas foram gravadas em áudio para posterior análise da pesquisadora. Todos os participantes da pesquisa assinaram termo de consentimento para participação na mesma (anexo).

3 O QUE PENSA A COMUNIDADE ESCOLAR EM RELAÇÃO À SALA DE AULA E AS MÍDIAS?

Pensar é não estarmos demasiado certos de nossas certezas (FREIRE, 1996, p. 28)

Se pensar é sempre ter em mente que nossas convicções não são permanentes e que as soluções que imaginamos não são plenamente duradouras, em um trabalho que contempla o diálogo, esta ideia de Paulo Freire deve ser norteadora. A primeira pergunta a ser feita dentro da proposta de transformação do espaço da sala de aula é se os aspectos que eu observei na realidade escolar são observados também por outros membros da escola. Ainda, é importante saber de que forma estes aspectos são observados, ou seja, qual o impacto que eles produzem sobre seus observadores e como eles se configuram como pontos positivos, pontos negativos ou pontos a melhorar.

Nesse contexto, considera-se os alunos e os professores os principais sujeitos da comunidade escolar, diretamente usuários – e, por que não, construtores, quando tem oportunidade – da sala de aula. “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 26). Se alunos e professores são responsáveis pela aprendizagem, são também responsáveis pelo espaço onde o aprendizado ocorre, pois o espaço também é constituinte do currículo escolar. Desse modo, ouvir estes personagens e propor que ambos se ouçam é fundamental, sendo que

O aluno não é menos construtor que o professor, mas não atinge o que pode ser sem uma mediação. O professor, obviamente, não é a única mediação possível, às vezes nem a melhor, mas é um momento da relação e muito privilegiado porque está aí para o outro. Nietzsche sugere que aquele que pretende estabelecer uma relação com alguém tem que se perguntar se é capaz de conversar com esse alguém por algum tempo. Conversar exige atenção à fala do outro. Caso contrário, o diálogo torna-se monólogo. (NOVELLI, 1997, p. 49)

Além dos grupos discente e docente, e apresentando igual importância e responsabilidade perante a construção do saber, aparece a equipe gestora e a

equipe pedagógica, cada uma com seus interesses e demandas específicos em relação à organização da sala de aula.

Ao lado destas, é considerada relevante para esta pesquisa a visão da secretaria de educação. No caso da escola em estudo, a secretaria estadual de educação, mais especificamente a coordenadoria regional de educação, que mesmo não estando presente no cotidiano escolar, tem influência muito grande nas decisões da escola, sendo que muitas vezes é necessária a aprovação da secretaria para modificações curriculares. Dessa forma, ouvir esta esfera a respeito do que ela pensa sobre o espaço da sala de aula é importante para o entendimento sobre os rumos da pesquisa.

3.1 Visão dos alunos

Crianças: escrevam escritos de alegrar, de entristecer, de aquietar e ferver. Digam simplesmente a simplicidade do instante, tal como seus corpos o recolhem. Uma palavra, ou cem, ou mil. (MORAIS, 1986, p. 135)

A primeira escuta promovida preocupou-se com as demandas dos alunos em relação ao espaço da sala de aula. O método escolhido foi a apresentação de imagens que provocassem nos alunos uma reflexão acerca do espaço da sua própria sala de aula e da sala de aula que contemplasse os elementos que, na opinião dos alunos, seriam necessários para uma aprendizagem significativa. Conforme Ausubel, citado na Revista Nova Escola (2011), que “o fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece”. Para que uma aprendizagem seja significativa, é preciso que cada nova informação, conteúdo, conhecimento, tenha relações com aquilo que o aluno já conhece, com seus conhecimentos prévios, pois assim o aluno irá construindo relações significativas produtoras de novos conhecimentos. Porém, pensa-se também que um aprender significativo é aquele que permite ao educando utilizar-se dos conhecimentos adquiridos para o seu bem, imediato ou futuro, e para o bem da sociedade e do ambiente.

O segundo ano, turma 220 da escola pesquisada, turma escolhida para realização do estudo, conta com 30 alunos. Trata-se de uma turma reconhecida na escola por sua dedicação às tarefas escolares; no entanto, alguns alunos desta turma não correspondem a esta expectativa, ou seja, é uma turma com vários níveis de rendimento. São alunos bastante unidos, que preservam amizade e respeito

entre eles e com os professores. A quantidade de faltas é pequena e as notas, em geral, são boas. Foi escolhida para a pesquisa por se tratar de um grupo de alunos que se destaca por expressar suas opiniões, desejos e reclamações.

A metodologia escolhida consiste na apresentação de imagens, que foram exibidas com o uso do projetor de imagens, em um momento no qual os alunos puderam falar o que pensaram sobre cada uma delas. Eles foram desafiados a explicarem o que gostam e o que não gostam nas imagens e, ainda, como seria o seu dia a dia em sala de aula se a sala fosse parecida com cada imagem exibida.

Inicialmente, houve o cuidado em explicar a atividade aos alunos. Ficou esclarecido que ninguém seria obrigado a participar da pesquisa e também que a participação não seria avaliada em termos de nota; assim, se alguém não se sentisse a vontade em participar, poderia permanecer em silêncio realizando outras tarefas. A pesquisadora comentou com a turma que eles estavam sendo convidados a refletir sobre o espaço da sala de aula e que a atividade seria gravada para posterior análise em decorrência do meu trabalho de conclusão de curso para a minha especialização em Mídias na Educação.

Dessa forma, com os alunos mais tranquilos, pode-se explicar o objetivo da entrevista e o porquê da escolha do método da apresentação das imagens e posterior discussão sobre as mesmas. Sobre este último, os próprios alunos concordaram que sentiriam – se mais à vontade para falar do que para escrever. Sobre os objetivos da atividade, procurou-se explicar para os alunos os anseios em relação à sala de aula: alunos acostumados, a muito tempo, com a mesma configuração das classes, todas iguais, todas voltadas para o professor; nesse sentido, questionou-se: até que ponto essa forma de organização do espaço está sendo suficiente para a aprendizagem?

Procurou-se comentar com os alunos a minha ideia inicial para a monografia, ou seja, uma proposta de transformação das salas de aula em minilaboratórios de disciplinas, ou seja, quando da troca de períodos, os alunos é que migrariam para sua próxima aula e, na sala de cada disciplina, estariam os materiais e as mídias necessárias ao bom andamento da aula. A este comentário houve algumas reações de concordância, de desejo de que as aulas acontecessem desse modo.

Após, foi feita a pergunta que considero a de maior relevância para este capítulo: Será que a proposta acima, de transformação das salas de aula em minilaboratórios contempla o que os alunos gostariam? Ressaltou-se que uma

proposta não pode vir “de cima para baixo”, ou seja, para uma proposta ser bem sucedida é necessário que alguns pontos sejam considerados, como o questionamento sobre a proposta ser boa para todos e ser, realmente, o que os sujeitos envolvidos precisam. Assim, a seguinte imagem foi exibida para dar início à atividade:

Figura 1: Sala de aula com destaque para a utilização de mídias



Fonte¹

Acredita-se que neste momento inicial, os alunos ainda estavam um pouco tímidos, então comecei a tecer alguns comentários, como o fato de a sala de aula apresentada possuir um espaço apropriado para a projeção de imagens, sendo que a nossa sala não possui este item. Além disso, ressaltou-se as classes, que são diferentes das quais eles estão acostumados, porém a configuração é a mesma. O colorido do armário também chamou a atenção.

Neste momento os alunos passaram a fazer suas próprias observações, como a necessidade de um armário em cada sala de aula para poder guardar os

¹ Disponível em: <<http://www.atividadesebrincadeiras.com/como-organizar-uma-sala-de-aula/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

materiais sem levá-los para casa. O lugar para a tela e o projetor também foi considerado uma boa ideia.

Figura 2: Sala de aula com destaque para a organização do espaço e dos alunos e para as mídias presentes



Fonte²

Esta imagem provocou nos alunos reações como “Oh!” e vários alunos começaram a falar ao mesmo tempo. Percebeu-se, então, que lhes havia sido apresentado uma imagem interessante. Logo as opiniões começaram a aparecer:

- “Bem legal, diferenciada, cansa menos!”
- “O aluno se distrai muito!”
- “Quanto mais diferente, mais o aluno aprende!”
- “Uma aula assim por semana, não sempre. Talvez um lugar para leitura!”
- “Se for uma aula de matemática não rende!”

Foi possível perceber, através destas falas, que as opiniões dos alunos são bastante diversas. Arrisca-se dizer que são opiniões opostas, sendo que alguns consideram que seria uma aula produtiva, enquanto outros pensam que a distração estaria presente neste ambiente.

² Disponível em: <<http://www.msatual.com.br/2014/07/13/sala-de-aula-google/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Além disso, pode-se notar que não houve nenhum comentário a respeito da televisão, que ocupa um lugar bastante visível na sala. Outra vez me ocorre o questionamento: Quais as mídias mais valorizadas pelos estudantes atualmente?

Sobre este pensamento, acredita-se que as mídias que mais interessam os alunos são os celulares e computadores, ainda que a televisão ocupe um papel fundamental na escola. O computador é uma ferramenta que se relaciona com as pessoas de modo que estas podem escolher aprender qualquer coisa que lhes interesse e ir além, comunicando suas descobertas para uma grande quantidade de pessoas e conhecendo as descobertas de outros e, principalmente, contribuindo ativamente para o surgimento de novas ideias. Segundo Prensky,

Enquanto os professores proferem suas palestras em sala de aula, esses alunos simplesmente baixam a cabeça, enviam mensagens de texto para seus amigos e, em geral, param de escutar. Entretanto, esses mesmos alunos estão ansiosos por usar o tempo de aula para aprender por conta própria, exatamente como eles fazem quando saem da escola e usam suas tecnologias para aprender por si mesmos qualquer coisa que lhes interesse. (2010, p. 203)

Figura 3: Sala de aula com destaque para a grande quantidade de alunos



Fonte³

³ Disponível em: <<http://www.jundiai.com.br/pronatec-abre-inscricoes-para-curso-de-assistente-de-vendas-em-jundiai>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Um aluno opinou que em lugar assim, o professor faz uma pergunta e os alunos respondem, porém nem todos participariam. Uma colocação interessante de outra aluna foi a de que seria muito interessante que existisse na escola um espaço como o da imagem não para serem ministradas aulas, mas sim para ocorrerem apresentações, ou seja, um auditório. Essa fala é importante, pois sugere que a sala ideal, na verdade, é uma configuração muito difícil de ser alcançada, já que cada ambiente atende às necessidades de um determinado tempo, de um determinado projeto, de um determinado objetivo pedagógico.

Modelos de sala de aula dependem do modelo pedagógico escolhido: Modelos mais convencionais e mais inovadores, mais centrados no professor ou no aluno, com pouca tecnologia ou com mais tecnologia. Há novos modelos que fazem mudanças progressivas, chamadas incrementais e há modelos mais disruptivos. (MORAN, 2014, p. 34)

Dessa forma, levando em conta que não existe uma única sala de aula perfeita, o ideal é que uma escola contemple diversos espaços, com diversas configurações, para atender ao maior número de objetivos possíveis. Sendo assim, talvez a sala de aula não seja mais caracterizada por um espaço quadrado, com classes, quadros e janelas; mas sim como um conjunto de espaço onde as atividades serão desenvolvidas.

Em educação – em um período de tantas mudanças e incertezas - não devemos ser xiitas e defender um único modelo, proposta, caminho. Trabalhar com modelos flexíveis com desafios, com projetos reais, com jogos e com informação contextualizada, equilibrando colaboração com a personalização é o caminho mais significativo hoje, mas pode ser planejado e desenvolvido de várias formas e em contextos diferentes. Podemos ensinar por problemas e projetos num modelo disciplinar e em modelos sem disciplinas; com modelos mais abertos - de construção mais participativa e processual - e com modelos mais roteirizados, preparados previamente, mas executados com flexibilidade e forte ênfase no acompanhamento do ritmo de cada aluno e do seu envolvimento também em atividades em grupo. (MORAN, p. 34, 2014)

Ou seja, não é possível pensar em um único modelo metodológico, um único espaço, uma única teoria pedagógica. O professor precisa transitar por caminhos desconhecidos todos os dias e para isso, não pode ter medo do novo, do inesperado, do risco.

Figura 4: Sala de aula com destaque para a utilização das mídias



Fonte⁴

- “Legal”. Essa foi a primeira reação da turma perante a sexta imagem apresentada. Certamente, eles estavam diante de uma foto que retratava uma realidade completamente diferente e distante da que eles conhecem. Assim, ouviu-se muitos “OOHH” logo que imagem surgiu no projetor. No entanto, após um momento de observação, foi surpreendente a afirmação de uma aluna que disse:

- “Tem demais. O tablete pode ajudar, mas muitas vezes tá tudo pronto, o aluno não produz.”

Considera-se esta fala muito interessante, pois levou a entender que os alunos valorizam as mídias, sim, porém não dispensam os materiais tradicionais, e, segundo Marcelinno (1986, p. 69), valorizar o processo de aprendizagem não significa apenas discutir novas técnicas, recursos audiovisuais, eletrônicos e modernos para alcançar a “motivação” dos alunos, e nem desconsiderar a necessidade de dedicação que a disciplina requer.

⁴ Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/it-solutions/2014/06/uso-de-tecnologia-na-educacao-e-algo-bastante-complexo-diz-executivo-da-intel.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Recorda-se aqui também as palavras de Prensky (2010, p. 202) quando o autor diz que “o papel da tecnologia, em nossas salas de aula, é o de oferecer suporte ao novo paradigma de ensino. Acredita-se muito no poder das mídias, na enorme gama de possibilidades que as mesmas proporcionam, mas defendo que é preciso estudar estas possibilidades, refletir sobre os objetivos, para que as mídias sejam bem aproveitadas e realmente provoquem mudanças”.

Outros alunos corroboraram com a ideia desta discente, ressaltando que “é muito bom cada aluno ter um computador, mas é bom também ter caderno” ou que “é bom copiar para lembrar” e “o caderno é bom para fazer exercícios”.

A respeito destas falas, um discente discordou, dizendo que tudo depende do aluno, em procurar conhecer. Outro aluno sugeriu que o professor poderia mandar o conteúdo por e-mail, o que não desperdiçaria tempo em copiar; e outro, ainda, tentando um equilíbrio, afirmou que “o bom seria umas coisas copiar e outras não”. Sobre estas afirmativas, percebe-se que os alunos enxergam as vantagens das tecnologias e quanto o tempo passado na escola poderia ser melhor aproveitado, ao invés de ser utilizado para copiar elementos que já estão copiados em um livro, por exemplo.

Duas expressões que chamaram a atenção foram quando uma aluna, a respeito de toda a tecnologia presente na sala, disse: “é só uma ferramenta”. Esta fala, associada com as anteriores, demonstra que eles percebem o valor dos recursos, porém entendem que o conhecimento não está na ferramenta, mas na construção do mesmo. Esta ideia é muito importante, principalmente se colocada ao lado com a segunda expressão citada, em que um aluno lembrou que “a explicação é mais importante que o quadro interativo”. Mais uma vez, destaca-se a associação que os alunos estão fazendo entre espaço e relação professor – aluno, onde as relações são pensadas com muita relevância.

Nessa perspectiva é que se caminha para a busca do ponto de equilíbrio entre disciplina e prazer, sem camuflar situações de poder, sem disfarçar incompetências técnicas ou falta de recursos, sem discursos desvinculados da prática, procurando esvaziar, ainda mais, o já parco conteúdo vivido nas nossas escolas. Nessa perspectiva é que o educador deverá optar por considerar a sala de aula como local de cumprimento de tarefas, ou como espaço de diálogo, de vivência e convivência. (MARCELINNO, 1986, p. 70)

Após esta discussão, os alunos acrescentaram que a pouca quantidade de alunos é um fator positivo; e logo já iniciaram outro debate, desta vez sobre a utilização do tablete presente na imagem. Um aluno sugeriu que “tem gente que

utilizaria o tablete para outras coisas” e por isso o uso do equipamento “não daria certo”. Sobre esta suposição uma aluna ressaltou que seria necessário bloquear alguns sites para que os alunos não os acessassem. Porém, uma outra aluna lembrou que esta realidade, da tecnologia mais presente, não muda muito da realidade que eles já vivenciam, porque o aluno sempre dá um jeito de acessar a internet no celular.

Em contrapartida a estas reações, gostou-se muito da fala de duas alunas, que disseram que “quando a aula é boa, o aluno não precisa se distrair” e que “mesmo que eu não goste, eu tenho que saber que aquela aula é necessária”. Estas ideias apoiam o fato de que aluno e professor são responsáveis pela aprendizagem e, assim, sujeitos ativos da construção do saber.

Finalizando, os alunos concluíram que o professor deve analisar se a turma “anda” com o auxílio de todos estes recursos tecnológicos, e aí, continuar. Senão, deve mudar, modificar sempre, conforme o professor vai percebendo o rendimento. Considero esta conclusão deles muito importante e acredito que esta ideia é fundamental para qualquer reflexão acerca da escola. “Por conseguinte, o espaço da sala de aula pode e deve ser desestruturado permanentemente” (NOVELLI, 1997, p. 49).

Figura 5: Sala de aula com organização similar às salas de aula do Colégio Carneiro de Campos



Fonte⁵

⁵ Disponível em: <<http://cidadesninet.com/news/geral/piaui-tem-2-300-professores-recebendo-salarios-fora-da-sala-de-aula/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

“É chato”. “É nós”. “Caído”. “Não chama a atenção”. “Muitos alunos”.

Essas afirmações deixaram a pesquisadora bastante apreensiva, pelo fato de este espaço ser o mais parecido com a sala de aula onde nós nos encontrávamos. Perguntou-se se eles realmente haviam se dado conta de que estavam falando do seu próprio espaço, onde passam todas as manhãs, até que um aluno percebeu: “ali tem espaço pro projetor, na nossa nem tem”. Essa fala comoveu a autora, pois o espaço mostrado na imagem é ruim, mas ainda é melhor que o nosso. Disseram ainda que a cor é muito feia, monótona.

Após, uma aluna analisou que o quadro (igual ao nosso) poderia continuar, pois o mesmo é importante para as explicações dos professores; o que deveria mudar são as classes: desconfortáveis e feias. Nisto, outro aluno acrescentou que a sala de aula deles poderia render mais, se tivesse outros itens.

Figura 6: Sala de aula com poucos recursos físicos



Fonte⁶

“A nossa é melhor”. Esta foi a primeira reação da turma ao observar esta fotografia. Notou-se que eles, em um primeiro momento, sentiram compaixão por

⁶ Disponível em: <<http://somosnoticia.com.br/piaui/reportagem-do-fantastico-destaca-problema-que-existe-em-escolas-de-campo-maior-8349.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015

aqueles alunos, estudando em condições tão precárias, ao passo que eles muitas vezes reclamam de ter que vir para a nossa escola, muito mais equipada.

No entanto, as próximas falas surpreenderam, pois a turma acrescentou que há um ponto positivo na sala: a pouca quantidade de alunos. E, assim, outros pontos positivos foram surgindo, como o fato de aqueles alunos estarem prestando atenção, dando valor ao estudo, o que muitas vezes, em escolas com mais recursos, não ocorre. Uma aluna sugeriu que os alunos da imagem se sentem privilegiados por estarem na escola, por menos que tenha. Disseram que dá para aprender ali, e um aluno me deixou muito feliz com a frase: “Em todo o lugar dá para aprender”, e “depende da vontade do aluno”. Mais uma vez, percebeu-se que eles valorizam muito o espaço, os recursos, as mídias, porém em primeiro lugar entendem que a construção da aprendizagem acontece pelo esforço dos sujeitos envolvidos, sejam alunos ou professores.

A respeito ainda da imagem, ressaltaram que é melhor que estes alunos estejam ali, tendo alguma perspectiva de futuro, de emprego, do que, talvez, serem analfabetos.

Figura 7: Sala de aula com destaque para a utilização das mídias e para a decoração do espaço



Fonte⁷

⁷ Disponível em: <<http://www.amordoce.com/forum/t18799,1-training-school-of-magic.htm>>. Acesso em 10 jun 2015.

Esta imagem também provocou debate na turma, pela diferença de opiniões dos alunos em relação a este espaço. As primeiras falas que surgiram foram “essa eu gostei” e “as cadeiras são mais confortáveis”. Em contrapartida, uma aluna apontou: “Vocês gostaram só porque tem computador na mesa”.

Foram lembrados que a configuração do espaço mostrado na imagem é muito parecida com a nossa e os questioneei se o fato de as cadeiras serem coloridas iria ajudar na aprendizagem. A primeira resposta foi: “não muito, não é a cadeira que faz a gente aprender, é nós”.

No entanto, as próximas manifestações acabaram sugerindo o contrário, apontando que o espaço exerce influência, sim, sobre a busca do conhecimento. Um aluno opinou que as cadeiras poderiam, pelo menos, ser mais confortáveis, e outro aluno sugeriu algo no qual eu, pessoalmente, nunca havia pensado: que as cadeiras deveriam ter uma regulagem, para se adaptar ao tamanho do aluno. Essa fala é incrível, pois me faz perceber que é necessário pensar as singularidades dos alunos, pois são todos diferentes. O fato de eles próprios perceberem esta questão, permite levantar um aspecto que considero muito importante quando falamos em sala de aula: o fato de que os alunos precisam se “moldar” ao espaço, como se o espaço fosse uma “forma”. Além disso, ousa-se citar que

o espaço da sala de aula deve ser considerado como privilegiado, mas não desvinculado da sociedade, como se fosse autônomo, e imune às influências do meio. (...) Ao se analisar o papel do professor nas relações de sala de aula pode-se estabelecer um paralelo entre a sua atuação e o processo de produção da sociedade global, fruto do acentuado aspecto mercador de que a educação vem se revestindo. (MARCELLINO apud MORAIS, 1986, p. 66)

Mesmo que seja apenas fruto da configuração do espaço – salas de aula quadradas, onde não se fala em construção de homens, mas em “formatura” de homens, como se fala em “formas” de bolos, por exemplos – a escola reproduz alguns aspectos interessantes ao mercado, ou seja,

Dentro desta perspectiva é preciso racionalizar a produção, investindo o mínimo necessário, buscando na sala de aula, transformada em linha de produção, fabricar os “produtos” com os traços de personalidade requeridos pelo mercado – subordinação, disciplina, aceitação de normas, respostas favoráveis a incentivos, etc. Não se trata aqui de discutir a Escola como instrumento de reprodução ou como um de seus agentes. O que importa é caracterizar a função de adestramento, seja em termos de valores comportamentais ou qualificação profissional. (MARCELLINO apud MORAIS, 1986, p. 67)

Recorre-se aqui, às sábias palavras de Paulo Freire, quando diz que

A escola não nos ensina a falar uma língua estrangeira nem nossa própria língua, não ensina a cantar ou a servir-nos de nossas mãos e nosso pés; não ensina qual é a alimentação sadia; como conseguir orientar-se no labirinto das instituições; de que modo cuidar de um bebê ou de uma pessoa doente, etc. Se as pessoas não cantam mais, mas compram milhões de discos em que profissionais cantam por elas; se não sabem mais comer, mas pagam o médico e a indústria farmacêutica para tratar dos efeitos da má alimentação; se não sabem como educar os filhos, mas alugam os serviços de educadores diplomados; se não sabem consertar um radinho ou uma torneira, nem como curar uma gripe sem remédio, ou cultivar uma alface, etc, tudo isso acontece porque a escola tem como objetivo inconfessável fornecer às indústrias, ao comércio, às profissões especializadas e ao estado, trabalhadores, consumidores, clientes e administrados sob medida. (Freire, 1984)

Voltando à análise do conforto das cadeiras, duas alunas expuseram motivos que levam a perceber a importância da questão. A primeira lembrou que “a gente fica das 7:30 h às 11:45 h, de segunda a sexta e se fosse confortável ia ajudar na aprendizagem”. A segunda declarou que trabalha em uma escola de idiomas como secretária e percebeu um fato curioso em seu local de trabalho: substituíram as cadeiras por cadeiras mais confortáveis, com um encosto mais apropriado para a coluna e com uma cor mais divertida; perceberam que o rendimento da maioria dos alunos melhorou. Sugeriu que o aspecto visual é muito importante.

Outros alunos deram sugestões interessantes, como, por exemplo, cada sala ser pintada de uma cor, ou as cortinas serem mais bonitas. Lembraram que não é preciso gastar muito, que existem até cadeiras recicláveis, que são confortáveis e vão agradar o visual.

Figura 8: Sala de aula com destaque para a utilização das mídias



Fonte⁸

Sobre esta imagem, os alunos não fizeram muitas considerações; apenas ressaltaram que é bastante parecida com a nossa, porém, pela fotografia, parece que as cadeiras são reclináveis, o que é um ponto positivo.

⁸ Disponível em: <<http://www.vivenciapedagogica.com.br/novas-tecnologias-invadem-as-salas-de-aula-3/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Figura 9: Sala de aula com destaque para utilização das mídias e para a organização dos alunos



Fonte⁹

Sobre este último espaço apresentado, notou-se que alguns alunos ficaram em dúvida sobre o rendimento das aulas. Afirmaram que seria bom para a realização de exercícios, porém para explicações, não.

Após a exposição de todas estas imagens e analisando todos os relatos, observou-se que os alunos iam falando todos ao mesmo tempo, discutindo, falando em tom de voz elevado para serem ouvidos, evidenciando que este tema, o espaço e sua relação com as mídias, é importante para eles e os mobilizou. A pesquisadora ficou muito surpresa com a produtividade da atividade e o quanto é importante ouvi-los.

Pela natureza das falas, é visível que eles conseguiram imaginar essas salas e problematizar os pontos positivos e negativos.

⁹ Disponível em: <<http://www.edooqui.com/blog/blog/2014/05/06/jovens-precisam-criar-nao-so-interagir-com-tecnologia-diz-especialista/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Além disso evidencia-se que, para os discentes, o aspecto visual é, sim, muito importante, porém é ainda mais relevante a funcionalidade, o fato de eles terem ajudado a pensar aquele espaço. Após a atividade ter sido concluída, perguntou-se se eles tivessem sido autores da construção do espaço, iriam cuidar, ajudar a manter. Responderam que sim, porque não gostariam de ver algo que tivessem feito sendo estragado. Ou seja, é imprescindível que, em um espaço destinado ao aluno, sua marca esteja presente, para que ele crie um vínculo com o ambiente. Não importa a sala de aula ser linda e não conter a marca do aluno, não pensar as singularidades do grupo. Além disso a relação com o professor, em diversos momentos, foi colocada como aspecto primordial para a busca do saber.

3.2 Visão dos professores

A segunda escuta promovida para a pesquisa preocupou-se com outro personagem central dos acontecimentos da sala de aula: o professor. É certo que todas as ações que são pensadas e, após, executadas, na relação com o aluno, passam por essa figura. Além disso, o professor, em correlação com o aluno, ocupa um lugar de grande relevância dentro da sala de aula, pois

No ambiente escolar o professor é o incentivador, facilitador, orientador e controlador da aprendizagem, organizando o ensino em função das reais capacidades dos alunos e do desenvolvimento dos seus hábitos de estudo e reflexão, ampliando as possibilidades de compreensão e interação do educando com o seu ambiente e com a sociedade (BULEGON; MUSSOI apud TAROUCO, 2014, p. 63)

O professor, além de estudar sobre a dinâmica da sala de aula em sua graduação ou em seus cursos de formação continuada, vive esse espaço todos os dias, e o conhece com toda a sua riqueza, já que ao longo de sua carreira convive com diferentes turmas, em diferentes gestões, em diferentes contextos e, muitas vezes, em diferentes épocas.

Dar voz ao professor é muito instigante, assim:

A sugestão para que os educadores falem sobre a Sala de Aula, é no mínimo provocativa. A lembrança, por sua vez, de que importam aspectos histórico-políticos, perspectivas científico-pedagógicas, análises e reflexões filosóficas, anuncia a complexidade que o tema comporta. (SANFELICE apud MORAIS, 1986, p. 83)

O grupo de professores ouvido contemplou uma professora da disciplina de química que atua na escola há três anos, tendo já trabalhado como secretária de escola por três anos; uma professora de matemática que atua na área de educação há 15 anos, lecionando ciências e física, inclusive; um professor de história, que trabalha na escola há um ano e uma professora de português, que trabalha na educação há seis anos. Além de suas respectivas disciplinas estes professores trabalham na escola a disciplina de Seminário Integrado: uma disciplina que tem por objetivo nortear todas as outras áreas, através de desenvolvimento de projetos sobre temas de interesse dos alunos e pertinentes a sua vivência na sociedade; abordam-se também as normas científicas de apresentação de trabalhos acadêmicos. Na ocasião da realização da atividade para a pesquisa, eles estavam presentes na escola, em razão de sua reunião semanal para discussão das atividades desenvolvidas nesta disciplina. Quando foi feito o convite para refletirmos um pouco sobre o espaço da sala de aula, o grupo ficou bastante animado, ressaltando inclusive, que este seria um tema pertinente à reunião. Da mesma forma como procedeu-se com os alunos, expliquei como a atividade funcionaria e também que seria gravada para posterior análise.

Quando a figura 1 (p. 20) foi apresentada, o primeiro comentário foi o de que existe um Datashow fixo ou que o próprio quadro é uma lousa digital, por causa das faixas que dividem o quadro. Imaginaram, então, que deve se tratar de uma escola com boa infraestrutura. Destacaram o armário, considerando-o um item essencial, pois deixa a sala organizada e desafoga a biblioteca. Repararam também na pouca quantidade de alunos.

Após, quando a segunda imagem foi apresentada (Figura 2, p.20), percebi um momento de hesitação por parte do grupo. “Não sei” foi a primeira expressão que surgiu. Outros comentários foram: “Só de vez em quando” e “muito descontraído”.

Aos poucos, as opiniões dos professores foram tomando forma: sugeriram que um ambiente assim seria interessante para um momento de debate, pois este espaço sugere uma maior integração da turma. Além disso, esta sala seria propícia para uma aula com materiais concretos ou para uma apresentação de documentário ou filme e, ainda, para realização de leituras. Pensam que seria bom que houvesse na escola um ambiente aconchegante com almofadas para alguns momentos.

Porém, constatou-se que o principal motivo pelo qual os professores consideram que não é ideal que as aulas aconteçam sempre em um espaço assim é

o fator postura. Crianças em desenvolvimento não podem ficar sentadas por muito tempo dessa forma, pois a coluna certamente seria prejudicada. Além disso, escrever neste ambiente não é viável.

Também não repararam na televisão. Sobre este fato sabemos, segundo Behrens (apud Almeida, 2005, p. 43) que é importante que o professor utilize suas competências para discernir sobre o emprego das mídias e identificar em quais atividades estas mídias são mais adequadas e podem apresentar maior potencial. Ou seja, talvez a TV ainda não tenha sido explorada pelo grupo em toda sua riqueza como mídia.

À terceira imagem (Figura 3, p.23), os professores manifestaram sua opinião de que este espaço é muito grande e é apropriado a uma universidade. Ressaltaram que não é possível prender a atenção de uma quantidade tão grande de alunos.

A observação de uma professora deixou a pesquisadora surpresa: a sugestão de que as salas de aula, assim como na imagem, deveriam ter esta “caída”, para que os alunos que estão atrás possam enxergar no quadro sem dificuldade. Da mesma forma que os alunos, esta fala sugere a importância de se pensar as singularidades dos indivíduos e a funcionalidade do espaço.

Para Figura 4 (p.25), as primeiras manifestações foram: “Ohh!”, “Meu Deus!” e “De que país é?”. Logo percebi que havia lhes apresentado uma imagem instigante.

O professor de História afirmou que, para a sua disciplina, seria ideal, sendo que a professora de química compartilhou esta opinião, ressaltando que, neste espaço, poderia trabalhar experimentos na forma de vídeos. Atualmente, os vídeos configuram-se como uma alternativa bastante interessante para a ausência ou carência do laboratório de ciências. Mas não o substitui.

O grupo opinou que o caderno é importante para quem precisa anotar, para quem possui memória visual. Para quem não depende deste tipo de memória, o caderno não precisa ser um elemento obrigatório. Um professor lembrou que copiar não é sinônimo de lembrar; e o conteúdo pode ser mandando por e-mail, por nuvem, para que eles tenham acesso quando precisarem. A esse respeito, “é preciso, hoje, que o ensino abandone seu status off-line e se adapte à aprendizagem on-line. Em outras palavras, o conhecimento não é mais produzido somente em sala de aula, mas pode e deve extrapolar os limites físicos da escola e se espalhar na rede.” (JÚNIOR; GARTNER, 2012, p. 155)

Pode-se dizer que não é mais possível desconsiderar a presença da tecnologia na educação, já que

Tais tecnologias já se encontram tão enraizadas em nosso dia a dia que é difícil imaginar o cumprimento de diversas tarefas sem a sua intervenção, principalmente para os chamados nativos digitais. Quanto aos indivíduos que se encontram à margem desse contexto, não há outra saída senão se adaptar às mudanças de comportamento geradas pelas práticas desenvolvidas no meio virtual, com o propósito de se integrar à sociedade atual, que demanda conhecimentos e raciocínios específicos para a solução de problemas. (FARIA; SILVA apud BRAGA, 2012, p. 134)

Além disso, uma professora acrescentou que esta imagem revela a tecnologia em favor da aprendizagem; destacou que a tecnologia como vem sendo utilizada na maioria das vezes pelos jovens, com o uso do celular a todo momento, não acrescenta nada de bom e nada contribui para a aprendizagem

Ainda analisando a imagem, os professores perceberam que o que os alunos da fotografia tem no tablete é uma extensão do que está no quadro, como um livro digital; ou seja, o tablete é utilizado apenas para fins educativos, apenas contemplando o conteúdo da aula. Sobre esta observação é muito interessante a fala de uma professora que ressaltou que em se tratando de um livro digital, muitas vezes os alunos irão apenas seguir o programa, não havendo nenhuma diferença em relação ao livro impresso; assim não irá ocorrer nenhuma criação, nada de diferenciado, se o professor não quiser. O grupo acrescentou que esta sala parece perfeita, porém muitas vezes o professor apenas toma algo pronto e reproduz. E os alunos vão reproduzindo. Não ocorre nenhuma construção, algo que o próprio professor tenha elaborado ou que os próprios alunos tenham criado.

Além disso perceberam, por conta dos materiais pertinentes a um laboratório de ciências presentes na imagem, que esta não deve ser uma sala de aula fixa, onde os alunos ficam todos os dias. Talvez funcione como um laboratório ou um local onde os alunos tem explicações sobre o conteúdo. Essa fala reforça, mais uma vez, a ideia de que não há uma sala de aula única, ideal, que contemple as necessidades de todos os momentos e de todos os projetos.

A Figura 5 (p.28) provocou o reconhecimento imediato no grupo docente, pois logo deram-se por conta de que estavam diante de um ambiente bastante semelhante ao que estamos habituados. Exclamações como “A nossa!” e “Sim, é a nossa!” demonstram isto. Porém, aos poucos, notaram que esta possui um item que a nossa não contempla: o espaço para o projetor. Repararam também que existe um

palco para o professor ficar diante do quadro e que o piso da sala da imagem, de lajotas, é ainda mais moderno que o nosso, de parquê.

Um comentário que considera-se importante foi o de que existem classes para canhotos e classes para destros. Essa consideração é relevante pois mostra a preocupação com as características próprias de cada aluno. Uma professora relatou que, certa vez, teve um aluno de 1,90 m de altura e a classe ficava sobre as pernas do aluno, sem encostar no chão. Um professor destacou que muitas vezes chamamos a atenção deles pois não estão bem sentados, porém a culpa pode também não ser deles.

Quando questionados sobre a influência desse espaço sobre a aprendizagem, uma professora opinou que “se o aluno tem interesse, o rendimento é o mesmo. A tecnologia, um ambiente aconchegante são itens importantes, mas temos alunos que se destacam em qualquer lugar.” Outro docente afirmou que “dá para dar aula tanto ali quanto em outro lugar” e ainda que “nós não fomos formados nesse sistema; hoje tem muito mais tecnologia e tem alunos que não sabem interpretar um problema, por exemplo”.

A respeito do fato de os professores terem sido formados em um ambiente longe da tecnologia é válido considerar que

Do livro e do quadro de giz à sala de aula informatizada e on line a escola vem dando saltos qualitativos, sofrendo transformações que levam de roldão um professorado mais ou menos perplexo, que se sente muitas vezes despreparado e inseguro frente ao enorme desafio que representa a incorporação das TIC ao cotidiano escolar. (BELLONI, 2005, p. 27)

A última consideração sobre esta imagem revelou-se de grande relevância para a pesquisa. Um professor disse que “se existisse na escola este espaço combinado com outros locais, como aqueles mostrados antes, teríamos várias possibilidades”. Ou seja, a sala de aula não precisa ser vista como um local único, fechado, mas sim, como um conjunto de lugares, extrapolando até os limites da própria escola.

Sobre a imagem apresentada na Figura 6 (p. 29), o primeiro comentário foi o de que esta imagem, que ainda é uma realidade em alguns locais do país, é muito triste. Segundo os docentes, é muito difícil falar sobre este ambiente, pois não temos uma vivência sobre esta realidade.

No entanto, os professores levantaram a questão de que estas crianças provavelmente veem a importância de estarem nesse lugar, pois se não estivessem

ali, talvez, poderiam estar até em um canal, por exemplo. Ressaltaram também que este quadro representa uma vergonha para um país tão rico – porém com a riqueza mal distribuída – como o nosso: professores sem formação, alunos infrequentes e falta de transporte.

Sobre a Figura 7 (p. 30), a reação inicial foi o silêncio. Após, disseram que os únicos elementos diferentes das nossas salas são o computador, um para cada dois alunos, e as classes que sugerem o trabalho em grupo. Não repararam na cor das cadeiras.

A respeito do fato de dois alunos dividirem o mesmo computador, devemos ficar atentos, pois nem sempre este compartilhamento sugere um verdadeiro trabalho em grupo. “Não se trata de colocar dois ou mesmo três alunos na frente de uma mesma máquina: o compartilhamento deve ser feito através dela, ou seja, a máquina deve estar entre uma pessoa e outra, e não na frente delas.” (LEFFA apud BRAGA, p. 188, 2014).

Outra imagem que provocou o silêncio do grupo foi a Figura 8 (p. 33). Percebi grande hesitação dos professores. Após, surgiu a pergunta: “O que será que eles estão fazendo?” Os únicos itens destacados foram que há um lugar para os alunos apoiarem os pés, o que é bom, e o uso do uniforme, que sugere organização.

Inicialmente, a Figura 9 (p.34) também inspirou o silêncio dos professores. Porém, logo este silêncio se transformou em considerações importantes. Destacaram que neste espaço o professor é um coordenador, porém parece que cada um está fazendo o que quer. Esta é uma metodologia interessante para o desenvolvimento de projetos, como ocorre na nossa escola na disciplina de Seminário Integrado, em que cada um constrói o seu conhecimento.

Um professor levantou a questão de o aluno poder procurar na internet as respostas das dúvidas que tiver durante a aula. O grupo considerou esta ideia interessante, porém lembrou que os discentes também precisam ter o conhecimento para produzir e nem sempre eles terão a internet para recorrer em alguma emergência. Citaram como exemplo um médico que precisa ter a ciência para resolver determinado caso de urgência, muitas vezes sozinho.

Ressaltaram ainda que a sociedade não pode apenas consumir informação. Assim, os alunos precisam aprender a produzir conhecimento. Além disso, é muito importante que se saiba qual é a informação certa, que se saiba discernir, filtrar. De acordo com Behrens (apud Almeida, 2005, p. 76), “professores e alunos precisam

aprender a aprender como acessar a informação, onde buscá-la, como depurá-la e transformá-la em produção de conhecimento”. É preciso aprender a tomar decisões.

Além disso, os docentes recordaram que grande parte das ciências estudadas hoje é muito antiga e foi criada pela prática, pela experiência. Dessa forma, consideram que é importante trabalhar a prática, inclusive manuseando materiais concretos. Acrescentaram que, na atualidade, tudo é muito “do momento”. Nas palavras de uma professora “agora a moda é ter o projetor; se não tem o projetor não serve; se não tem uma cadeira boa, não serve”. Um professor opinou que agora “as pessoas consomem o que é proposto para consumir”. Porém, quanto conhecimento foi produzido sem a tecnologia? Um professor lembrou que agora há bastante produção em quantidade, porém pouca produção em profundidade: “agora é tudo muito rápido, imediatista; as pessoas não querem mais passar a vida inteira em cima de um projeto para fazerem alguma descoberta, como era feito no passado”.

Considera-se muito importante a fala de uma professora que afirmou que, com ou sem tecnologia, tudo o que é criado parte da curiosidade, da necessidade de resolver um problema. O conhecimento vem da própria pessoa e não dos artefatos a sua volta.

Nesse sentido, após todas as imagens terem sido mostradas, perguntou-se ao grupo quais as conclusões a que havia chegado a partir desta conversa e destas reflexões. Um professor se posicionou, dizendo que concluiu que não há como fugir das mídias, uma realidade imutável. Porém é preciso pensar, planejar para realmente realizar ações diferenciadas; não podemos apenas transportar o livro didático para uma tela.

Outra conclusão que uma professora fez questão de ressaltar é que o celular, como está sendo usado pelos jovens no horário de aula atrapalha muito a aprendizagem, na medida em que tira a atenção e em que os alunos acabam procurando todas as respostas prontas, sem precisar pensar.

Afirmaram que a tecnologia é mais um complemento. E o importante é criar, ter argumentos, interpretar e ter ideias. Dentro disto, uma professora associou a produção textual, destacando a dificuldade que os alunos tem em realizar uma leitura. Sobre esta questão, outra docente lembrou que agora a leitura dos alunos não é mais linear: a maioria dos textos que eles leem no computador se apresenta na forma de hipertexto, ou seja, eles não ficam mais focados em apenas um único

texto, podendo acessar diversos links e ler sobre vários assuntos de seu interesse ao mesmo tempo. Esta professora disse acreditar que os alunos não irão mais conseguir ler um texto impresso, linear, com facilidade por este motivo. Almeida (2005, p. 41) nos lembra que

Não se trata da mesma leitura realizada no espaço linear do material impresso. A leitura de um texto não linear na tela do computador está baseada em indexões e conexões entre ideias e conceitos articulados por meio de links (nós e ligações), que conectam informações representadas sob diferentes formas, tais como palavras, páginas, imagens, animações, gráficos, sons, clipes de vídeo, etc. Dessa forma, ao clicar sobre uma palavra, imagem ou frase definida como um nó de um hipertexto, encontramos uma nova situação, evento ou outros textos relacionados.

Sendo assim, é impossível que nós, educadores, ignoremos esta realidade, que como dito anteriormente, é imutável, irreversível e na maioria das vezes natural para os nossos alunos.

3.3 Comparação entre as visões dos alunos e dos professores

Após ter ouvido os grupos discente e docente, ou seja, os personagens que detém os papéis mais ativos quando se fala em sala de aula, decidiu-se comparar as falas de ambos para tentar identificar se as demandas do primeiro grupo estão em concordância com as demandas do segundo e, assim, conseguir um panorama sobre as inconformidades acerca do espaço.

Sobre o desenvolvimento da atividade, concluiu-se que os alunos conseguiram imaginar uma aula em cada uma destas salas, problematizando as características de cada espaço. Os professores, por sua vez, acabaram falando bastante sobre questões pedagógicas, buscando motivos que extrapolam a sala de aula para explicar os elementos positivos e negativos presentes em cada imagem.

No geral, percebeu-se que tanto os professores quanto os alunos se preocuparam com a estética do espaço. Além disso, ambos os grupos disseram que a aparência ajuda, sim, na aprendizagem. Porém, neste sentido, notou-se que os alunos deram bastante valor à questão da cor, como por exemplo, na Figura 1 (p. 17), em que os alunos repararam na cor do armário (amarela) e os professores não. O mesmo ocorreu na Figura 7 (p. 30), pois os alunos, ao contrário dos professores, ressaltaram as cadeiras vermelhas.

A respeito da funcionalidade do espaço, os dois grupos se preocuparam com este quesito, mais até do que se importaram com o visual. Essa preocupação pode ser percebida, no caso dos alunos, quando eles opinaram, durante a análise da Figura 7 (p. 30), que as cadeiras deveriam ter uma regulagem para se adaptar ao tamanho do aluno. No caso dos professores, perante a imagem apresentada na Figura 8 (p. 33), comentaram o apoio que as classes tem para os pés e na Figura 5 (p.23), disseram que a sala poderia ser inclinada para ajudar na visualização do quadro pelos alunos que estiverem atrás. Outros itens considerados importantes por ambos foram o relógio, o espaço para o projetor, o quadro mural e o armário. Além disso, professores e alunos consideram que a pouca quantidade de alunos contribui para um bom aproveitamento da aula.

Percebeu-se ainda que os dois grupos ouvidos valorizam muito as mídias e a tecnologia, porém valorizam mais o esforço individual e o desejo em aprender. Além disso os alunos demonstraram grande valorização da relação professor – aluno, colocando em muitos momentos essa relação como responsável pelo andamento da aula.

Notou-se também que, ao longo da apresentação, os alunos mostraram que consideraram muitas das salas vistas interessantes e produtivas; porém acrescentaram que não é viável ter aula todos os dias nesses espaços, ou seja, o ideal é que a escola contemple um conjunto de espaços onde as aulas possam ser ministradas de acordo com seus objetivos. Formulou-se esta conclusão a partir das falas produzidas na análise das figuras 2 (p. 21), 3 (p. 25) e 9 (p. 34).

Em síntese, como diz Paulo Freire (1996, p. 88) todos precisam exercer seu direito de falar e de expor suas opiniões e foi o que aconteceu neste trabalho. Também é muito importante, baseando-se em Freire (1996, p. 28) que os professores e os alunos sejam oportunizados a discutir e refletir por parte de quem elabora as propostas pedagógicas a serem aplicadas, pois ninguém tem condições de saber exatamente o que é melhor para os outros sem ouvir os sujeitos envolvidos.

Andrade (2011, p. 7) lembra que os professores devem explorar a capacidade de informação, comunicação e expressão que as mídias oferecem. Júnior e Gartner (2012, p. 155) ressaltam que a aprendizagem, através das mídias pode extrapolar os limites da sala de aula e ocorrer fora dela, online por exemplo. Faria e Silva (apud Braga, 2012, p. 134) colocam que as tecnologias já estão tão enraizadas na nossa

cultura que é impossível voltar atrás. Porém, Prensky (2010, p. 202) alerta que o uso das mídias deve ocorrer com responsabilidade, sempre considerando os nossos objetivos educacionais, para que as mesmas realmente provoquem mudanças e sejam bem aproveitadas.

Por fim, os dois grupos de entrevistados consideram que as mídias colaboram muito no processo ensino aprendizagem, seja na otimização do tempo, seja no despertar do interesse pelos alunos, seja na facilidade e nas ricas possibilidades que o professor tem para explicar um conteúdo. Além disso, as mídias oferecem diversas possibilidades de interação dos docentes com seus alunos, através de blogs, fóruns, redes sociais, produção de vídeos, textos colaborativos, animações etc.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso, que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, em que se adivinha, enfim, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. (FREIRE, 1995)

Ao iniciar esta pesquisa, tinha-se em mente um resultado completamente diferente deste que se apresenta ao final da pesquisa. Pensava-se construir um projeto específico, que, a longo prazo, pudesse ser aplicado na escola. Imaginava-se desenhar um projeto para cada sala de aula, transformando-as em minilaboratórios de disciplinas. Já sabia-se que teria que propor uma reflexão por parte dos professores, pois os mesmos precisariam ajudar a planejar e a decidir sobre os materiais, a decoração e as mídias necessárias a cada ambiente.

No entanto, este trabalho acabou tomando rumos inesperados e surpreendentes. De fato, conseguiu-se promover esta reflexão não somente por parte do corpo docente, mas também por parte dos alunos. Estes últimos, em suas falas, surpreenderam com a forma como pensam o espaço, quantos elementos estão intrínsecos entre as quatro paredes onde eles passam cinco manhãs por semana. Porém estas reflexões que o trabalho promoveu revelaram-se muito mais ricas do que um simples planejamento que poderia ser utilizado futuramente. Demonstraram quais são as demandas de professores e alunos, quais são seus anseios e suas inconformidades.

Os objetivos específicos do trabalho foram alcançados, sendo que foi promovida a reflexão por parte dos alunos e professores participantes acerca do espaço da sala de aula e sua relação com as mídias. Também foram descobertas quais as suas demandas e o que pensam os grupos de participantes. Esta reflexão também deu relevância sobre quais mídias são importantes para o espaço da sala de aula. O objetivo geral da pesquisa também foi alcançado, pois os aspectos visuais da sala de aula foram analisados, bem como a organização dos lugares dos professores e dos alunos, ou seja, o espaço físico foi discutido e as mídias presentes neste lugar foram abordadas com relevância. Assim, a temática da pesquisa, que era promover esta reflexão, foi realizada.

Descobriu-se que em qualquer ambiente é imprescindível que se pensem as singularidades dos alunos, seus diferenciais. São tantos dentro da sala, porém cada

um é um. Além disso, entendeu-se que se os próprios alunos ajudassem a planejar o espaço, certamente iriam cuidar dele, inclusive não gostando que alguém o depredasse. Dessa forma, a palavra vínculo se apresenta como essencial, se sobressaindo muitas vezes a aspectos como beleza e funcionalidade.

A respeito da influência do espaço físico sobre a aprendizagem, percebeu-se que esta influência realmente existe, tanto no que se refere à questão estética quanto à questão funcional. É muito importante que o aluno se sinta acolhido, protegido, confortável e visualmente agradável onde passa uma boa parte do seu dia, dedicada a tarefa de aprender. No entanto o esforço individual do aluno, seu desejo em aprender, e o comprometimento individual do professor, seu desejo em realizar um bom trabalho, são itens indispensáveis a qualquer espaço, por mais bem planejado que seja. Neste sentido, a relação entre os sujeitos da sala de aula é um item que, sem dúvida, permeia o espaço físico de qualquer ambiente escolar.

Conclui-se que quando pensamos sobre qualquer espaço de aprendizagem, não podemos deixar de contemplar as mídias. E ao incluir mídias e tecnologias em nossas escolas é importante também incluir a reflexão sobre quais as mídias pertinentes a cada sala, a cada projeto, a cada disciplina e a cada grupo de alunos. Além disso, é necessário que o trabalho com as mídias seja planejado sempre tendo em mente os objetivos aos quais queremos chegar. As mídias não podem ser um fim em si mesmas, mas um caminho, produtivo, para alcançarmos nossos objetivos educacionais.

Quando começou-se a escrever este estudo sobre o espaço da sala de aula, propondo-se a repensá-lo, buscava-se encontrar uma sala de aula ideal, perfeita, onde a aprendizagem pudesse ser algo natural, inevitável. Agora, percebe-se, em primeiro lugar, que esta sala não existe: o que existe é um conjunto de espaços, muitas vezes até fora da escola e muitas vezes em ambientes virtuais. E cada espaço é capaz de contemplar as necessidades de um determinado período, de um determinado objetivo, apenas. Além disso, há muitos itens que precisam ser considerados quando o assunto é sala de aula: esforço, dedicação, relação, vínculo. E, em uma pesquisa sobre espaço, é impossível não falar destes elementos pois estes constituem o currículo oculto das nossas aulas, tão importante; e, sem dúvida, espaço é currículo.

E esta foi a escuta de um momento. Certamente, ouvir a gestão, a secretaria de educação, os pais, outros grupos de alunos, outros grupos de professores e os

mesmos grupos ouvidos neste trabalho daqui a algum tempo, seria muito interessante e produtivo. E refletir sobre esse lugar tão importante, destinado a dois fins tão nobres e entrelaçados como o ato de ensinar e o ato de aprender, é urgente. Com certeza, a reflexão precisa se tornar uma prática cada vez mais comum em nossas escolas. Afinal, a escuta é infinita, assim como esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Trabalhando com a educação de jovens e adultos. A sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem. Brasília, 2006.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Prática e formação de professores na integração de mídias: prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. (orgs,). **Integração das tecnologias na educação. Salto para o futuro**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

ANDRADE, Ana Paula Rocha de. **O uso das tecnologias na educação: computador e internet**. 2011. Monografia (graduação em biologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.fe.unb.br/catedraunescoead/areas/menu/publicacoes/monografias-sobre-tics-na-educacao/o-uso-das-tecnologias-na-educacao-computador-e-internet>> Acesso em: 16 jun. 2015.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é a mídia – educação**. 2. Ed. Campinas. SP: Autores Associados, 2005.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Mídias na Educação: Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação Etapa 1. Disponível em http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/etapa_/p1_01.html. Acesso em: 23 out. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Mídias na Educação: Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação Etapa 2. Disponível em <http://penta3.ufrgs.br/MEC-CicloAvan/integracao_midias/modulos/1_introdutorio/etapa_2/p2_11.html>. Acesso em: 25 mai. 2015.

BULEGON, Ana Marli. MUSSOI, Eunice Maria. Pressupostos pedagógicos de objeto de aprendizagem. TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach (org.) **Objetos de aprendizagem: Teoria e prática**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

CLEZAR, Lidiane. **Como organizar uma sala de aula**. 2013. Disponível em: <<http://www.atividadesebrincadeiras.com/como-organizar-uma-sala-de-aula/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

COSTA, Natália de Oliveira. **Trabalho em grupo: concepções de um professor de biologia e alunos do ensino médio de uma escola pública de São Paulo**. 2010. Monografia (graduação em Ciências biológicas). Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1

o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2010/2o_2010/NATALIA_COSTA.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2015.

FARIA, Helen. SILVA, Luciana de Oliveira. Redes Sociais na sala de aula: possibilidades. In: BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis (org.). **Integrando tecnologias no ensino de Inglês nos anos finais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Edições SM, 2012.

FERNANDES, Elisângela. **David ausubel e a aprendizagem significativa**. Revista Nova Escola. Edição 248, dezembro de 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

FERNANDES, Elisângela. COSTA, Renata. **Computador na educação: modo de usar**. Revista nova escola. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/especial-computador.PDF>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. **CUIDADO, ESCOLA!– Desigualdade, domesticação e algumas saídas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JUNIOR, Ronaldo Corrêa Gomes. GARTNER, Sérgio. Por uma prática on line: blogs e glogs como ferramentas de ensino e aprendizagem. In: BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis (org.). **Integrando tecnologias no ensino de Inglês nos anos finais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Edições SM, 2012.

LEFFA, Vilson J. Sistemas de autoria para a produção de objetos de aprendizagem. In: BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis (org.). **Integrando tecnologias no ensino de Inglês nos anos finais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Edições SM, 2012.

MARCELINNO, Nelson Carvalho. A sala de aula como espaço para o “jogo do saber”. In: MORAIS, Regis (org). **Sala de aula: Que espaço é esse?** Campinas, SP: Papyrus, 1986.

MORAIS, Regis de. **As carnes do espírito**. MORAIS, Regis (org). Sala de aula: Que espaço é esse? Campinas, SP: Papyrus, 1986.

MORAN, José. **Novos modelos de sala de aula**. Revista Educatrrix, n. 7, Editora Moderna, p. 33-37, 2014.

NOVELLI. Pedro Geraldo. **A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. V. 1. N. 1. 1997.

PRENSKY, Marc. **O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula**. Conjectura. V. 15. N. 2. Maio/Agosto 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/335/289>. Acesso em: 06 / 06 / 2015.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **O espaço físico da escola é um espaço pedagógico.** *Gestão Escolar*. Edição 13, abril / maio de 2011.

SANFELICE, José Luis. Sala de aula: intervenção no real. In: MORAIS, Regis (org). **Sala de aula: Que espaço é esse?** Campinas, SP: Papirus, 1986.

TRIGO, Luís Gonzaga Godoi. Salas de aulas. In: MORAIS, Regis (org). **Sala de aula: Que espaço é esse?** Campinas, SP: Papirus, 1986.

Apêndice A – Termo de consentimento para professores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Aline Comin, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Paloma Dias Silveira, realizará a pesquisa **Sala de aula: Repensando a relação entre o espaço e a sala de aula**, junto aos professores e alunos do ensino médio no período de maio e junho de 2015. O objetivo desta pesquisa é promover a reflexão acerca da influência que os aspectos visuais e funcionais do espaço da sala de aula tem sobre a aprendizagem

Os (As) participantes deste trabalho serão convidados(as) a tomar parte da realização de uma pesquisa através do método de pesquisa qualitativa promovido pela apresentação de imagens, em que os participantes irão expor suas opiniões acerca de cada imagem. As falas dos professores e dos alunos serão gravadas em áudio para posterior análise.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone [número do telefone] ou por e-mail – alihcomin@yahoo.com.br

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de R.G.
_____, concordo em participar esta pesquisa.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.

Apêndice B – Termo de consentimento para alunos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Aline Comin, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Paloma Dias Silveira, realizará a pesquisa **Sala de aula: Repensando a relação entre o espaço e a sala de aula**, junto aos professores e alunos do ensino médio no período de maio e junho de 2015. O objetivo desta pesquisa é promover a reflexão acerca da influência que os aspectos visuais e funcionais do espaço da sala de aula tem sobre a aprendizagem

Os (As) participantes deste trabalho serão convidados(as) a tomar parte da realização de uma pesquisa através do método da escuta promovido pela apresentação de imagens, em que os participantes irão expor suas opiniões acerca de cada imagem. As falas dos professores e dos alunos serão gravadas em áudio para posterior análise.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone [número do telefone] ou por e-mail – alihcomin@yahoo.com.br

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de R.G., responsável pelo aluno _____, concordo que ele participe desta pesquisa.

 Assinatura do(a) responsável

 Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.